

# Empreendedorismo e inovação: a hora e a vez das startups

## Entrepreneurship and innovation: the time and place of startups

## Emprendimiento e innovación: el tiempo y el lugar de las startups

Recebido: 11/12/2022 | Revisado: 19/12/2022 | Aceitado: 20/12/2022 | Publicado: 23/12/2022

**Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima Nyland**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0333-0959>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: [andriottinyland@gmail.com](mailto:andriottinyland@gmail.com)

### Resumo

As startups podem desempenhar esse papel devido ao seu dinamismo no desenvolvimento tecnológico, às inovações que mudam os setores da economia e à sua capacidade de manejar conhecimentos específicos e novos. Isso se reflete na expansão e diversificação de programas públicos de apoio a startups em diferentes países, e na expansão dos esforços das grandes empresas para estabelecer conexões com startups inovadoras. O presente trabalho tem por objetivo central explorar a crescente importância do empreendedorismo no processo de inovação do século XXI. A metodologia utilizada foi a de referencial bibliográfico onde pautamos na busca pela temática em artigos científicos e sites especializados. O estudo foi capaz de revelar que o mercado de capitais brasileiro ainda precisa avançar, pois são poucos os fundos corporativos nacionais com foco em investimentos de alto risco e com foco em startups. Obviamente, isso tem a ver com as condições macroeconômicas do País. As taxas de juros estão muito altas há muitos anos, o que inibiu o capital de risco.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Inovação; Políticas públicas; Startups.

### Abstract

Startups can play this role due to their dynamism in technological development, innovations that change sectors of the economy and their ability to handle specific and new knowledge. This is reflected in the expansion and diversification of public programs to support startups in different countries, and in the expansion of efforts by large companies to establish connections with innovative startups. The main objective of this work is to explore the growing importance of entrepreneurship in the innovation process of the 21st century. The methodology used was the bibliographic reference where we guided the search for the theme in scientific articles and specialized sites. The study was able to reveal that the Brazilian capital market still needs to advance, as there are few national corporate funds focused on high-risk investments and focused on startups. Obviously, this has to do with the country's macroeconomic conditions. Interest rates have been very high for many years, which has inhibited venture capital.

**Keywords:** Entrepreneurship; Innovation; Public policy; Startups.

### Resumen

Las startups pueden desempeñar este papel debido a su dinamismo en el desarrollo tecnológico, las innovaciones que cambian sectores de la economía y su capacidad para manejar conocimientos específicos y nuevos. Esto se refleja en la expansión y diversificación de los programas públicos de apoyo a las startups en diferentes países, y en la expansión de los esfuerzos de las grandes empresas por establecer conexiones con startups innovadoras. El principal objetivo de este trabajo es explorar la creciente importancia del emprendimiento en el proceso de innovación del siglo XXI. La metodología utilizada fue la referencia bibliográfica donde orientamos la búsqueda del tema en artículos científicos y sitios especializados. El estudio pudo revelar que el mercado de capitales brasileño aún necesita avanzar, ya que hay pocos fondos corporativos nacionales enfocados en inversiones de alto riesgo y enfocados en nuevas empresas. Obviamente, esto tiene que ver con las condiciones macroeconómicas del país. Las tasas de interés han sido muy altas durante muchos años, lo que ha inhibido el capital de riesgo.

**Palabras clave:** Emprendimiento; Innovación; Política pública; Inauguración.

## 1. Introdução

A revolução da tecnologia da informação desde a década de 1970 levou a grandes mudanças nos métodos de produção, modelos de negócios e desenvolvimento tecnológico de bens e serviços, seja um peso maior na produção, armazenamento e uso da informação ou como um catalisador para o conhecimento e convergência de áreas de atividade econômica, como nanotecnologia, biotecnologia e inteligência artificial (Torres-Freire *et al*, 2017). Parte deste pano de

fundo é a globalização da produção no final do século 20, o surgimento de uma nova divisão internacional do trabalho e aumento da mobilidade dos trabalhadores, bem como a descentralização da produção de conhecimento por instituições científicas e tecnológicas e empresas em diferentes partes do mundo (Abreu, 2016).

As inovações da virada do século, principalmente na segunda década do século 21, se diversificaram e apresentaram expressões mais complexas. Além dos componentes ainda existentes, principalmente a necessidade de grandes investimentos, a análise da inovação também revela outras características que complicam esse fenômeno, sendo maior participação de empresas emergentes, mais projetos de curto e médio prazo, financiamento, quer venha do país ou de grandes empresas a outros participantes, como pequenas empresas ou instituições de tecnologia e organizações em rede e diferentes participantes (Torres-Freire *et al.*, 2017). Mais interações entre os dois, de formas diferentes, acabam por formar o que alguns autores chamam de empreendimento e inovação (Abreu, 2016).

A questão que nos toca neste artigo é que, dada a importância das startups no novo ambiente de inovação, elas são cada vez mais alvo de políticas públicas que apoiam o seu desenvolvimento e de grandes empresas que procuram dinamizar a processo de inovação. Este artigo explora a importância das startups neste novo contexto inovador e discute estes dois aspectos: um é o número crescente de ações públicas de apoio à inovação e ao empreendedorismo nacional, o outro é a ligação entre grandes empresas e startups, esse fenômeno ocorrendo em diversos países e se fortalecendo no Brasil na última década (Torres-Freire *et al.*, 2017).

## 2. Metodologia

Este estudo foi realizado/desenvolvido em delineamento qualitativo, pois as abordagens sistematizadas aderem um valor em prol dos significados, sem fins estatísticos. Nesta tendência de pesquisa o foco central é analisar os dados pelos seus valores subjetivos, as concepções dos autores também são refletidas nos moldes em que os dados são analisados, visto que, ‘fazer ciência’ é criticar, criar hipóteses, sistematizar, refletir, ressignificar, e, portanto, a pesquisa qualitativa em aparato teórico busca salientar os valores, conhecimentos por meio de significados (Cunha *et al.*, 2021.; Cunha *et al.*, 2022).

Para a coleta de dados, utilizamos a revisão bibliográfica integrativa, onde os artigos, livros e documentos selecionados para revisão foram coletados à luz dos tópicos que compõem este artigo. De acordo com Souza *et al.* (2010, p. 1) “[...] a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”.

[...] podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço em discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos. Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social (Minayo, 2011, p. 53)

A primeira fase do processo para a condução da revisão sistemática consiste na elaboração do protocolo, o qual garante que a revisão seja desenvolvida com o mesmo rigor de uma pesquisa. O protocolo desenvolvido neste estudo discorre a partir dos subtópicos em específico que contemplam o alicerce teórico da pesquisa à luz dos autores que subsidiam o referencial teórico.

De acordo com Gil (2008, p. 50):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos

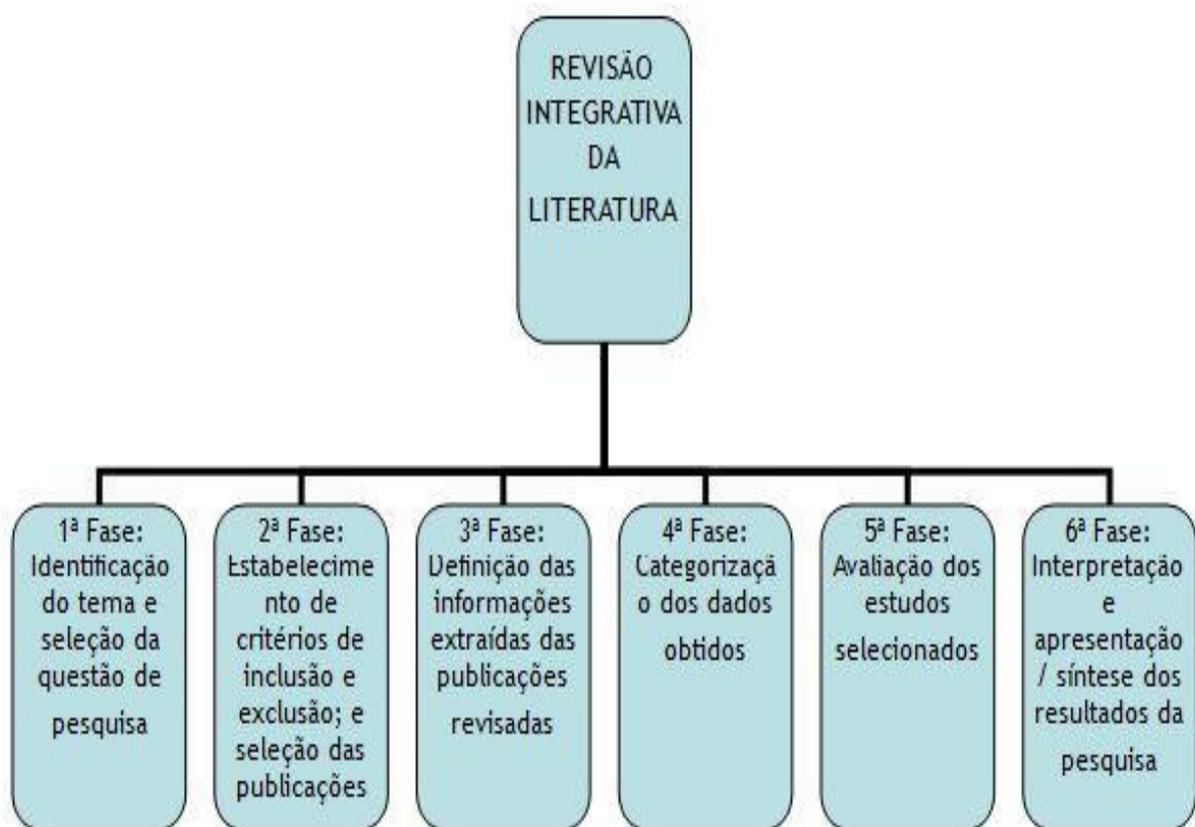
como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Na visão de Ercole *et al.* (2014) no que diz respeito a revisão bibliográfica integrativa:

A revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Deste modo, o revisor/pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular.

As etapas de execução desta revisão integrativa discorrem à luz de Nóbrega *et al.* (2014).

**Figura 1** - Etapas de desenvolvimento da revisão integrativa.



Fonte: Nóbrega *et al.* (2014).

Logo, os principais autores que constituem o *corpus em base central* desta pesquisa são: Edeavor (2015), Abreu (2016) e Dornelas (2021).

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Políticas públicas para inovação e startups

As mudanças nos antecedentes da inovação no século 21 e os novos comportamentos de diferentes participantes, como as startups, se refletem nas políticas públicas. As formas de estimular a inovação também são diversificadas e tornam-se mais complexas (Abreu, 2016).

Além das ferramentas tradicionais, como crédito e apoio financeiro não reembolsável, outros modelos de apoio também foram ajustados ou criados, especialmente para apoiar a inovação de startups. Por exemplo, é sabido que ferramentas tradicionais como o crédito não são adequadas para empresas startup, pois muitas empresas ainda não têm receitas ou ativos tangíveis como garantia de suas operações devido ao seu curto histórico de vida (Torres-Freire *et al.*, 2017). Por outro lado, a criação de um ambiente de interação, aprendizagem e disseminação de conhecimento, aliado ao desenvolvimento de sistemas das empresas, tornou-se uma alternativa de apoio ao startup (Endeavor, 2015).

De modo geral, o suporte à inovação inicial pode ser organizado em três dimensões. Um se refere a investimento e capitalização, censo recursos públicos gratuitos (subsídios econômicos), fundos de capital inicial e de capital de risco, fundos públicos e investimento em parceria público-privada, crowdfunding e investimento direto em ações corporativas (capital de risco corporativo) (Rieche *et al.*, 2014). O mesmo autor afirma que a segunda dimensão envolve a formação, os serviços de apoio e a promoção do ambiente empreendedor tais como espaços de incentivo à inovação e ao desenvolvimento tecnológico, como incubadoras e aceleradoras, redes de empresários, investidores e clientes, eventos, cursos e seminários, além de públicos ou desafios técnicos privados. Por fim, a terceira dimensão é o enquadramento regulamentar, que consiste no enquadramento regulamentar do investimento, a supervisão dos incentivos fiscais à inovação e startups, simplificação e modernização do processo administrativo de inovação e startups (Rieche *et al.*, 2014).

### 3.2 Dialogando no âmbito das políticas públicas

De acordo com Dornelas (2021), nos últimos 15 anos, de maneira geral, o Brasil avançou nas políticas de inovação e no marco regulatório do desenvolvimento tecnológico. Desde a constituição do fundo setorial em 1999, passando pelo restabelecimento da Política Industrial e Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE) e Lei da Inovação ao plano atualizado em 2004, como o Inova Empresa em 2013, o escopo da inovação mecanismo de apoio foi diversificado (Abreu, 2016).

Em termos de inovação e empreendedorismo, não é exceção onde diferentes programas foram criados para promover direta ou indiretamente o desenvolvimento de startups e pequenas empresas que desejam inovar. Essas ações tornaram o ambiente de inovação e empreendedorismo no Brasil mais complexo e diversificado (Rieche *et al.*, 2014).

Como em outros países, os formuladores de políticas em inovação e startups precisam considerar não apenas as questões de investimento e capitalização da empresa em sua lista de preocupações, mas também a série de participantes e mecanismos de governança que compõem a rede dessas organizações e instituições como empresários, investidores, pesquisadores de instituições científicas e tecnológicas, grandes empresas, bem como associações, incubadoras, aceleradoras e mentores (Endeavor, 2015).

Desde 2000, a Finep participa fornecendo recursos por meio de fundos de capital de risco voltados para pequenas empresas inovadoras. Por exemplo, o objetivo principal do projeto Inovar é o apoio financeiro, como o Inovar Fundos, Inovar Semente e Inovar Anjos. A partir de 2014, a Finep aprovou investimentos em 8 fundos semente e contribuiu com recursos para 45 empresas inovadoras (FINEP, 2014). O patrimônio total do fundo é de 577 milhões de reais, e os recursos comprometidos da Finep são de 292 milhões de reais, o que significa que a alavancagem do mercado é de 1,98 - ou seja, para cada real no fundo de capital semente da Finep, mais 1 real investido por participantes privados (FINEP, 2014).

Outro passo importante no desenvolvimento do setor de venture capital no Brasil é o Criatec, um fundo de capital semente criado pelo BNDES (Rieche *et al.*, 2014). Em 2007, o banco lançou o primeiro fundo da série, com o objetivo de obter ganhos de capital por meio de investimentos de longo prazo em empresas em estágio inicial com expectativas inovadoras e de alto retorno. O capital comprometido do Criatec é de 100 milhões de reais, dos quais 68 milhões de reais são usados para doações a 36 empresas. Na segunda teleconferência, foram reservados 186 milhões de reais, dos quais 25

empresas receberam cerca de 20 milhões de reais. Por fim, o Criatec 3, lançado em 2016, tem um capital comprometido de 202 milhões de reais. Em outras palavras, com exceção deste último, os recursos recém-criados fornecidos na primeira e na segunda fases não foram totalmente utilizados (Rieche *et al.*, 2014).

Marques (2017) ressalta que com o objetivo de suprir a lacuna entre o investimento inicial do projeto e a contribuição do fundo de investimento semente na fase mais consolidada do projeto, a Finep Startup foi criada em 2017. Esta ação visa concretizar vantagem do investimento na fase final de desenvolvimento de produto Empresas de tecnologia com alto potencial de crescimento no mercado ou ganhando escala de produção (FINEP, 2014). O primeiro edital prevê 50 milhões de reais, que serão distribuídos para 50 empresas (25 empresas por ano) em 2017 e 2018. As startups selecionadas poderão obter investimento de até R\$ 1 milhão por meio de contratos de opção de compra de ações, uma novidade em ferramentas de desenvolvimento público (FINEP, 2014).

No nível estadual, o Small Business Innovation Research (Pipe) da FAPESP é considerado um dos maiores programas de inovação e apoio ao empreendedorismo do país, fornecendo suporte financeiro não reembolsável para startups e apoiando empreendedores na transformação de conhecimento em novos conhecimentos (Marques, 2017). Produtos ou serviços, além de promover a inovação em fases críticas e de alto risco, este é o seu nascimento. Inspirado no US SBIR, o plano é um novo projeto no Brasil em 1998 que apóia projetos de desenvolvimento de tecnologia de pequenas empresas por meio de cooperação com universidades e instituições de pesquisa (Endeavor, 2015).

O Programa Corporativo de Apoio à Pesquisa (Pappe), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), à Finep e à Fundação de Amparo à Pesquisa complementa outros programas, como o Pipe, proporcionando maiores aportes de recursos para empresas em estágio de desenvolvimento tecnológico mais avançado (Marques, 2017).

Ainda no âmbito estadual, o Plano Sinapse da Inovação é uma ação promovida conjuntamente pelo Governo do Estado de Santa Catarina, Fundação de Amparo à Pesquisa em Ciência e Tecnologia do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e Sebrae/SC, e é organizado pela Fundação Centro de Referência em Tecnologia Inovadora (Certi) (SINAPSE/SC, 2021). O plano visa aproximar a pesquisa científica e tecnológica realizada principalmente em universidades e ICTS da produção de produtos que possam promover o desenvolvimento de novas empresas. Desde 2008, o programa já gerou 294 empresas, das quais 245 (83% do total) ainda estão ativas, gerando um faturamento estimado em 120 milhões de reais. Devido aos bons resultados, esse modelo tem sido adotado por outros estados, como Amazonas e Espírito Santo (SINAPSE/SC, 2021).

O Startup Brasil combina a meta de capitalização de startups com o incentivo a ambientes inovadores e conexões entre os participantes do ecossistema. Foi criado em 2012 como um programa MCTI, gerenciado pela Softex e trabalhando com aceleradores para dar suporte a startups de base tecnológica (Rieche *et al.*, 2014). As empresas selecionadas receberão R\$ 200 mil para custear custos de recursos humanos e serão alocadas em aceleradoras, onde também poderão receber treinamento, orientação e desenvolvimento de negócios, além de manter contato com empresas parceiras e apoio de investidores (Marques, 2017). O plano é interessante porque apóia tanto startups quanto aceleradoras, porque capitaliza empresas e aumenta suas chances de sucesso, o que beneficiará as aceleradoras, que contam com a venda de ações da investida para gerar renda (Marques, 2017).

Nos últimos anos, outros dois projetos no Brasil têm se destacado pelo foco na expressão e integração dos participantes, ou seja, no conceito de política de relacionamento (Abreu, 2016).

O primeiro é o InovAtiva, programa de treinamento, mentoria e contato para startups e empresas inovadoras de qualquer setor no Brasil. É implementado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) em cooperação com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e pela Fundação Certi (Inovativa Brasil, 2021). A ideia da InovAtiva nasce da constatação de que a maioria dos potenciais empreendedores pouco ou nada sabe sobre negócios e não tem capacidade de transformar ideias em produtos ou soluções de mercado (Inovativa Brasil,

2021). O diagnóstico é que, além da falta de treinamento, os empreendedores de alta tecnologia têm pouco contato com os participantes do mercado, como empreendedores, investidores e outros empreendedores. O InovAtiva foi criado a partir dessa consideração e tem como objetivo preparar novos empreendimentos inovadores para aceitar o investimento (Inovativa Brasil, 2021).

O segundo é o Programa Conexão Nacional Startup-Indústria, iniciativa recente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) para promover a conexão entre startups e empresas do setor industrial, com foco em ações de integração digital em diferentes etapas. Cadeia de valor do produto industrial. <sup>35</sup> O investimento da iniciativa no primeiro ano foi de 10 milhões de reais, mas deve ultrapassar os 50 milhões de reais nos próximos três anos. Novamente, o foco aqui não é financiar startups por meio de programas públicos, mas aproximá-los de grandes empresas interessadas em colaborar para o desenvolvimento de tecnologia (Endeavor, 2015).

Além dessas iniciativas nacionais, outros governos estaduais e municipais também têm implementado ações de apoio a startups por meio de recursos financeiros, acesso à Internet ou formulação de planos estratégicos nessa área (FINEP, 2014).

Em 2014, a Prefeitura de São Paulo formulou uma série de medidas que levam ao desenvolvimento da inovação e do empreendedorismo de acordo com a política municipal da TechSampa de incentivo à inovação e ao desenvolvimento de empresas startup. <sup>36</sup> A iniciativa mais responsiva é o Programa de Mentoreamento de Voluntários do SP Stars Startup. Nos últimos dois anos, quase cem startups foram beneficiadas, formando uma rede de cerca de 300 mentores qualificados composta por fundadores de startups, aceleradores, grandes empresas, investidores e agentes locais (FINEP, 2014).

O projeto Empreende Fácil é uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo em cooperação com os governos estadual e federal para reduzir para uma semana o tempo de abertura e licenciamento de uma empresa, que antes demorava mais de cem dias. Por fim, Mobilab e Pátio Digital são iniciativas da Secretaria Municipal de Transportes e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, respectivamente, que se tornaram interessantes laboratórios departamentais de diálogo entre startups e gestão pública, em busca de soluções mais flexíveis para o governo ou como plataforma para inovação, sem ter que disponibilizar recursos financeiros (FINEP, 2014).

Em Minas Gerais, o Startups e Empreendedorismo Desenvolvimento de Ecossistemas (Seed) é um programa de aceleração de startups para empreendedores de qualquer país ou região que desejam desenvolver seus negócios no estado. Baseada no modelo Startup Chile e coordenada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Sedectes), a Seed faz parte do Minas Digital, uma série de iniciativas públicas, parcerias e redes que visam a promoção do desenvolvimento inovador e fortalecer a cultura empresarial do estado (Endeavor, 2015).

As iniciativas de apoio a startups se multiplicaram, mostrando que o ambiente de inovação e empreendedorismo no Brasil evoluiu nos últimos 15 anos. Essa diversidade inclui não apenas as diferentes dimensões do apoio ao desenvolvimento da inovação e do empreendedorismo, mas, em menor grau, quase todos os tipos de apoio prestados por outras partes do mundo (Endeavor, 2015).

Apesar dessas iniciativas, uma série de ações públicas do Brasil ainda precisam ser aprimoradas em termos de prioridade, escala, estabilidade e eficiência (Rieche *et al.*, 2014). O gargalo é fornecer fundos para que as empresas iniciantes usem, não sujeitas a restrições de projeto (recursos humanos, marketing e canais de marketing, desenvolvimento de protótipos, etc.), como investimento direto ou subsídios econômicos que podem ser convertidos em participação (Dornelas, 2021). Também é necessário um monitoramento contínuo das empresas apoiadas e uma avaliação sistemática de seus investimentos, ações e resultados (Abreu, 2016).

Assim como a diversificada trajetória de inovação e empreendedorismo que temos visto no âmbito das políticas públicas, um fenômeno global no Brasil tem se fortalecido nos últimos anos, em que grandes empresas buscam se

aproximar de startups motivadas pela conquista de novos mercados e pela identificação de nova rota técnica ou rica cultura organizacional (Endeavor, 2015).

Nos últimos anos, a ligação entre grandes empresas e startups com o objetivo de desenvolvimento e inovação tem se difundido amplamente em diversos países, principalmente pelo interesse das primeiras em conectar o desenvolvimento tecnológico aos novos modelos de negócios emergentes no ambiente empresarial. Razões mais específicas para buscar cooperação com startups são: entrar em novos mercados, redes de conhecimento e recursos humanos profissionais; resolver problemas específicos, como testar produtos e escalar operações; e encorajar a cultura de inovação interna da empresa (FINEP, 2014).

O fenômeno das grandes empresas que buscam estabelecer parcerias inovadoras com as pequenas não é novo em si (Dornelas, 2021). Mas as dimensões que ela adotou nos últimos anos parecem novas, assim como o interesse dos formuladores de políticas por essa expressão (Dornelas, 2021). Os exemplos citados acima ilustram como os planos públicos de promoção da inovação buscam a participação do setor privado.

No Brasil, as conexões entre grandes empresas e startups também aumentaram nos últimos anos, acompanhando em menor proporção o que está acontecendo no ambiente internacional, como programas de aceleração ou incubação espaço Inovação e co-working, além de prêmios e eventos (Dornelas, 2021).

#### **4. Considerações Finais**

O novo motor da inovação no século XXI não é tanto uma substituição da prática do século XX, mas sim o aumento da sua diversidade. Além disso, esses novos desenvolvimentos não devem ser vistos como o único resultado das ações das startups, mas o resultado de sua participação em diferentes arranjos com outros participantes. Compreender a situação das startups neste contexto é importante para evitar vê-las como uma panaceia para os desafios da inovação, de modo a evitar erros como copiar políticas públicas de outros países ou mesmo ações privadas sem a mediação institucional e social adequada., E econômica localização.

Em qualquer caso, pode ser visto pela prática de governos e empresas que apoiam startups inovadores que a relevância crescente das startups é óbvia.

Esforços para diversificar as políticas públicas dos diversos países do mundo, como o aumento das práticas de compartilhamento de riscos e as chamadas “políticas de relacionamento”, ao invés de políticas financeiras. Isso também se reflete no trabalho regulatório para formular regras para novos modelos de investimento, como crowdfunding, emergentes no mercado. Além disso, o interesse do governo pelas startups está relacionado com a sua capacidade de responder mais facilmente às necessidades tecnológicas e de soluções de inovação social, o que se manifesta nos chamados desafios tecnológicos.

O forte interesse de grandes empresas em cooperar com empresas startup, utilizando diferentes capital de risco e mecanismos de inovação aberta, também se reflete em um grande número de casos internacionais e nacionais. A motivação para essa expressão é que as startups podem atualizar e promover sistemas de produção em diferentes setores (indústria, serviços, negócios e agricultura) e construir pontes na cadeia produtiva (com clientes, fornecedores, instituições de pesquisa).

O apoio do setor privado à inovação e ao empreendedorismo no Brasil se espalhou, como mostram os inúmeros exemplos apresentados neste artigo. No entanto, apesar das novas iniciativas e dos avanços cada vez maiores nessa questão, o Brasil ainda precisa avançar nesse processo. Fatores como recursos instáveis, planos descontínuos e falta de resultados de avaliações têm dificultado a consolidação de políticas nacionais de inovação eficazes e eficientes. Portanto, a

implementação de ações públicas por startups ocorre em um ambiente mais instável do que em países como Coréia do Sul ou Israel.

Além disso, o mercado de capitais brasileiro ainda precisa avançar, pois são poucos os fundos corporativos nacionais com foco em investimentos de alto risco e com foco em startups. Obviamente, isso tem a ver com as condições macroeconômicas do País. As taxas de juros estão muito altas há muitos anos, o que inibiu o capital de risco.

Por fim, é importante ressaltar que as empresas brasileiras ainda deixam de esclarecer os objetivos estratégicos do plano e, muitas vezes, copiam práticas de outros lugares, práticas essas que podem não ser adequadas ao sistema, à cultura e às condições jurídicas do Brasil. Por exemplo, o plano de aceleração não tem objetivos ou necessidades claras. Departamentos e produtos suportados em diferentes formas.

Embora o ambiente de inovação no Brasil tenha se diversificado em termos de políticas públicas e ações privadas, ainda há um longo caminho a percorrer na busca de melhores resultados, incluindo o aprimoramento do arcabouço legal, o fortalecimento da indústria de capital de risco e o relacionamento entre a ICTS e as empresas. porque o desempenho do Brasil em indicadores de inovação ainda não é satisfatório, o número de startups do Brasil, pedidos de patentes, complexidade de tecnologia de exportação ou investimento privado em P&D nos rankings internacionais.

## Referencias

- Abreu, P. R. M., et al. (2016). *O panorama das aceleradoras de startups no Brasil*. Fundação Getúlio Vargas. Create Space Independent Publishing Platform.
- Cunha, F. I. J., Azambuja, G. B. de, Azambuja, M. J. B. de, Lima, G. F., Leite, M. de A., Pantoja, J. P., Santos, F. M., Bezerra, Érica P. B., Almeida, R. S. de, & Santos, E. B. (2022). Music education and the importance of art in TEA: notes and reflections on learning. *Research, Society and Development*, 11(8), e38411831402. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.31402>
- Cunha, F. I. J., Azambuja, M. J. B. de, Biavaschi, A. da S., Machado Filho, M. da M., Silveira, M. G. de S., Vieira, L. M., & Maia, J. M. C. (2021). The importance of playing in the process of including special students in the educational environment. *Research, Society and Development*, 10(11), e384101120094. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.20094>
- Dornelas, J. C. A. (2021). *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Campus.
- Endeavor. (2015). *Burocracia nos Negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil*. [www.cbinsights.com/reports/Unicorn-WhitePaper-2015.pdf](http://www.cbinsights.com/reports/Unicorn-WhitePaper-2015.pdf)
- Ercole, F. F., Melo, L. S., & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. *Rev Min Enferm*. 18(1), 9-11.
- FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos. (2014). *A transformação da Finep: 2011-2014*. Publicação institucional. Finep.
- Gil, A. J. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa*. (6a. ed.). São Paulo: Atlas. Inovativa Brasil. <http://www.inovativabrasil.com.br>
- Marques, F. (2017). Pipe 20 anos. *Pesquisa Fapesp*, 257, 32-37. [www.revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/07/032-037\\_pipe\\_257\\_novo.pdf](http://www.revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/07/032-037_pipe_257_novo.pdf)
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. (18a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Nóbrega, V. M. S., et al. (2014). *Atividade física na gestação: uma revisão integrativa da literatura*. <https://efdeportes.com/efd199/atividade-fisica-na-gestacao-uma-revisao.htm>.
- Rieche, F., et al. (2014). *O corporate venturing como alternativa de apoio à inovação: motivações e benefícios*. Revista do BNDES, 41, 379-413.
- SINAPSE/SC. (2015). *Sinapse da Inovação*. <https://goo.gl/attMih>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8, 102-106.
- Torres-Freire, C. et al. (2017). Políticas públicas e ações privadas de apoio ao empreendedorismo inovador no Brasil: programas recentes, desafios e oportunidades. In: Turchi, Lenita; Morais, José Mauro de (Orgs.). *Políticas de Apoio à Inovação Tecnológica no Brasil* Brasília: Ipea.